

PSB organiza bloco contra Aliança

Bilau Pereira

A socialização dos serviços essenciais, a implantação do parlamentarismo misto no País e a legalização do aborto são as principais bandeiras de luta da deputada Beth Azize, do Amazonas, que junto com o senador Jamil Haddad forma a bancada do Partido Socialista Brasileiro — PSB na Constituinte.

Ela defende uma atuação em bloco dos partidos de esquerda para tentar barrar o rolo compressor formado pelo PMDB e PFL, que tentará ditar as regras do jogo. "Seria muita pretensão do PSB querer agir como bancada independente e em nada ajudaria à transição. Nós temos um acordo tático e, até de certa forma ideológico, com o PT, PC do B e PCB, para atuar em bloco. Se não tivermos força suficiente para impedir que a Aliança Democrática determine os caminhos da Assembléia, pelo menos denunciaremos à Nação todas as manobras que houverem".

Angustada com o tempo gasto pelo Congresso na redação do Regimento Interno, Beth acha que a Constituinte não está em sintonia com a ansiedade do povo e culpa o PFL e a maioria do PMDB de estarem "entravando o processo democrático", discutindo questões óbvias como a soberania da Constituinte, que, em sua opinião, passa necessariamente pela garantia do poder de reformar a atual Constituição e pela exclusividade.

Partidária

Cria do "grupo dos autênticos do PMDB do Amazonas", que, em 1985 deixou o partido por divergências com o então governador Gilberto Mestrinho, Beth fundou e presidiu o PSB do Amazonas, de onde saiu candidata nas eleições de 1986.

Para ela a coisa mais urgente no panorama político do País é o fortalecimento dos partidos, como forma de consolidar definitivamente a democracia no País: "O político brasileiro tem o vício de dissociar-se do partido. É um vício adquirido na Ditadura, a quem não interessava os partidos fortes. Temos agora que seguir o caminho inverso, consolidando os partidos para fortalecer a democracia".

Jornalista e escritora, ela foi, com 23 anos, a primeira juíza de



Josemar Gonçalves

Azize quer unir a esquerda contra pressão da maioria

Direito do estado do Amazonas, de onde saiu para uma pós-graduação em Direito, na Universidade de Lisboa. Voltou no início da década de 70 para fazer jornalismo político, o primeiro passo para o seu ingresso na política partidária.

Vereadora e deputada estadual pelo MDB, de 1976 a 1986, Beth foi a primeira mulher no País a ser eleita para a presidência da Assembléia Legislativa. Ela conta um episódio curioso em sua vida pública: "Em 1983, quando era presidente da Assembléia Legislativa do Amazonas, assumi, por duas vezes, o Governo do Estado. A primeira vez por três dias e a segunda por quatro. Foi a coisa mais ridícula que já me aconteceu, diz bem-humorada, "parecia a festa da padroeira, mil telefonemas me parabelizando e aquela fila de carros me seguindo para tudo que era lugar. E o pior de tudo era que eu sabia que não podia fazer nada com o tempo de Governo de que

dispunha. E foi o que fiz, literalmente, nada".

Solteira, com 43 anos, a parlamentar cria duas filhas, uma de 7 e outra de 9 anos, que estão morando com a avó, em seu Estado. Hoje ela dedica-se integralmente à política, com algumas incursões literárias: é autora de dois livros, um dos quais sobre a participação dos imigrantes no desenvolvimento histórico-político da Amazônia. Árdua defensora do partido que fundou, ela reclama que a Imprensa nunca se refere ao PSB como integrante dos partidos progressistas do atual Congresso. "Temos uma tradição de lutas como partido no País. Na Constituinte participamos de todas as reuniões dos partidos de esquerda, na tentativa de armar um esquema de trabalho eficaz. Queremos ter pelo menos um representante nosso em todas as comissões que irão funcionar, se não para barrar, pelo menos para denunciar manobras dos partidos conservadores".